

SANDRA REGINA DOS SANTOS ALVES

**A CRIANÇA DE ONTEM, O ADULTO DE HOJE. E A
EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para a conclusão do
Curso de Pedagogia – PEFOPEX (Programa de
Formação de Professores em Exercício), da
Faculdade de Educação da UNICAMP, sob
orientação do Prof^a. Dr^a Luci Banks Leite.

**CAMPINAS
2008**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Orientador: Prof^ª. Dr^ª Luci Banks Leite

2º Leitor: Prof^ª. Dr^ª Telma Pileggi Vinha

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	TCC/UNICAMP
	AL87c
V:	EX:
TOMBO	3875
PROC.	148/09
C:	D: X
PREÇO	11,00
DATA	02/04/09
Nº CPD	

Cod tit 437269

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

AL87c

Alves, Sandra Regina dos Santos.

A Criança de ontem, o adulto de hoje. E a educação infantil? / Sandra Regina dos Santos Alves. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Luci Banks Leite.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Memórias. 2. Educação infantil. 3. Pré-escola. I. Leite, Luci Banks II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-536-BFE

Dedico este trabalho aos meus entes queridos pelo apoio e incentivo que sempre me deram em todos os momentos de minha vida e que não mediram esforços para que concluísse mais esta etapa de minha vida.

Agradeço...

... A Deus pela vida,

... A meus entes querido, especialmente a minha mãe

pelo incentivo e apoio constante,

... A minha orientadora Luci Banks Leite, pela paciência e dedicação,

... A minha segunda leitora Telma Pileggi Vinha pelos prestimosos conselhos,

... Aos meus amigos pelo carinho e ajuda em nossas lutas diárias, especialmente

a Sônia por saber compreender meus momentos de mau humor,

... As minhas filhas Larissa e Isabella por compreenderem minha ausência

Obrigada a todos.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I	
Histórico da educação infantil	3
1.1 Breve histórico da construção da infância e da Educação Infantil.....	3
1.2 A construção da educação infantil no Brasil.....	7
Capítulo II	
Memórias: tecendo relações sobre o lembrar.....	16
2.1 A memória do ponto vista de uma perspectiva histórico cultural.....	19
Capítulo III	
Entrelaçando memória e educação infantil: dialogando com a memória dos adultos que passaram pela educação infantil.....	29
3.1. Questões gerais.....	29
3.2 Trabalho empírico: os sujeitos e procedimentos.....	32
3.3 Resultados.....	34
Considerações finais.....	43
Referências	45
Anexos.....	47

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa é uma tessitura a respeito das lembranças de alguns adultos, entre 25-58 anos, que passaram pela educação infantil e de como as vivências experienciadas por estes nas creches e pré-escolas e repercutem em seus cotidianos. Dessa forma, dividimos o trabalho em três capítulos em que abrangem a trajetória da constituição da memória do ponto de vista biológico e psicológico e analisamos as entrevistas das memórias dos sujeitos que fizeram parte deste trabalho, culminando nas considerações finais em que expomos o que aprendemos com o mesmo.

Palavras-Chaves: memórias, educação infantil, pré-escola

INTRODUÇÃO

As lembranças se gravam na minha memória com traços cujo encanto e força aumentam dia a dia; como sentindo que a vida me escapa, eu procurasse aquecê-la pelos seus começos. (Rousseau apud Bosi, 1994, p. 34)

Considerando-se a importância da educação Infantil, procurei realizar, nesta pesquisa, uma análise das marcas que a mesma deixa na constituição e na construção dos sujeitos, hoje adultos, e que passaram por esse processo formador. Para tanto, alguns aspectos sociais, culturais e afetivos foram assinalados a partir das recordações referentes ao período em que tais sujeitos frequentaram a educação infantil.

Dessa forma, nosso objetivo foi discutir e apresentar alguns elementos que justifiquem a importância da Educação Infantil na constituição dos sujeitos, apresentando trechos de relatos e memórias a partir dos quais pode-se vislumbrar a importância (ou não) atribuída a essa etapa da educação.

Para tanto realizamos uma breve pesquisa bibliográfica sobre a memória, como esta se constitui e se forma na vida dos sujeitos, com especial atenção para os estudos de Vygotsky sobre as funções psicológicas superiores e suas influências na formação da personalidade e desenvolvimento dos sujeitos.

Assim, pedimos a onze pessoas que respondessem a um questionário através do qual, procuramos conhecer o espaço em que a educação infantil ocorreu, seu caráter público ou particular, as lembranças evocadas ao recordar tal período, bem como as contribuições que a experiência trouxe para suas vidas. Em suma, espaços de educação formal e não formal frequentados pelas então crianças e que são hoje objeto de relatos dos adultos que rememoram suas experiências na

Educação Infantil. A escolha desses espaços -educação formal e não formal – se justifica por acreditarmos que a constituição dos mesmos, já configura um modelo de educação diferente; enquanto no primeiro tem-se a preocupação da escolarização, dos conteúdos, de formar em detrimento de determinados objetivos educacionais de um sistema de ensino, no segundo existe uma concepção de que seja um espaço de vivência, onde os saberes produzidos pelos indivíduos estão em constante diálogo. Acreditamos na possibilidade de que os sujeitos tragam marcas distintas referentes a esses espaços no seu processo de formação educacional, quanto aos seus valores, visão de mundo o que, por sua vez, influenciaria nas marcas e nos significados atribuídos à educação, em particular, a Educação Infantil.

A escolha deste tema deve-se ao fato de que atuando, por seis anos com Educação Infantil vemos a necessidade de nós, educadores, nos conscientizarmos da importância desse momento na formação dos sujeitos. Essa consciência deve-se materializar na docência, na experiência educativa, pois através das relações que estabelecemos com as crianças e com seus responsáveis, legitimamos ou não a importância da educação. Não seria um ato somente pedagógico, como enfatiza Freire (1997), mas político ao considerarmos que a educação não é neutra, reflete nossas concepções políticas, epistemológicas, culturais, sociológicas e os paradigmas adotados.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

No retrato que me faço, traço-a-traço, às vezes me pinto nuvem, às vezes me pinto árvore... (Mário Quintana)

Neste capítulo buscaremos situar como se construiu a história da educação no Brasil e no mundo, com o intuito de localizá-la no contexto social para que possamos entender as mudanças e permanências que os sujeitos, estudados nesta pesquisa, desvelaram em suas entrevistas.

1.1 Breve histórico da construção da infância e da Educação Infantil

As relações sociais e humanas constituídas ao longo do processo histórico e social se fazem pelas construções das relações de produção vigente em cada período histórico (Ponce, 2003). Partindo desta premissa, pode-se afirmar que a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao longo do tempo conforme as determinações de produção vigentes na época. Assim, cada época, de acordo com as produções subjacentes a mesma construirá uma visão peculiar e particular da criança e da sua educação.

Foi assim na Idade Média, onde, de acordo Ariès (1978), não existia um sentimento do ser criança, uma vez que não existia um sentimento de infância que distinguisse a criança do adulto; haja vista que o índice de mortalidade era alarmante, assim como o número de prole de cada família. Assim, não fazia muito sentido se apegar a um ser que poderia vir a perecer em tenra idade. A criança,

nesta época, era considerada um adulto de pequeno tamanho, pois executava as mesmas atividades dos mais velhos.

Esta situação perdurará até meados do século XVIII pois, embora não tenham ocorrido mudanças significativas no padrão filantrópico e assistencial das políticas sociais, esse século traz o contexto da Revolução Industrial, do Iluminismo e da constituição dos Estados laicos; cria-se, pois uma atmosfera propícia para o surgimento das primeiras iniciativas de atendimento à infância, iniciativas essas que ocorreram nos refúgios ou asilos que abrigavam crianças, filhas de mães operárias, criados por volta de 1774, na França cuja origem está nos movimentos filantrópicos de cunho marcadamente assistencial.

Ainda de acordo com Ariès (1978), no período de transição do feudalismo para o capitalismo ocorreram, na Europa Ocidental, alterações nas relações sociais que tiveram reflexos na organização familiar, escolar e no sentimento de infância. A criança nobre passou a ser fonte de alegria para os adultos, surgiu um sentimento de dor pelas que vinham a falecer subitamente, passando-se a conservar retratos dos filhos, mortos e vivos. No entanto, a criança da plebe continuava a ser tratada como na Idade Média.

No século XVII, a paparicação foi considerada pelos moralistas como algo prejudicial, pois tornava as crianças mimadas e mal-educadas. Por isso, foi proposta a educação e moralização dos pequeninos com o objetivo de torná-los, mais tarde, pessoas honradas, haja vista que estes deixaram de serem vistos como divertidos e agradáveis, tornando-se educáveis para as artes do ofício. Este encargo ficou sob a incumbência dos colégios, que na Europa, já haviam sido estendidos aos filhos dos leigos nobres, dos burgueses e das classes populares.

A substituição da educação prática pela teórica e o apelo dos moralistas foram correspondidos pelos pais através da preocupação de vigiar seus filhos mais de perto e não abandoná-los mais aos cuidados de outras famílias. Essa aproximação pais-criança gerou um sentimento de família que não existia até aquela época e a criança se tornou o centro das atenções, com a família passando a girar em torno dela.

As instituições de educação para crianças de 0 a 6 anos de idade começam a se esboçar no continente europeu ainda no final do século XVIII. Criadas para atender às crianças pobres e às mães trabalhadoras, desde o início se apresentaram como primordialmente educacionais. Tendo como objetivo levar a criança a: perder os maus hábitos, adquirir hábitos de obediência, sinceridade, bondade, ordem etc; conhecer as letras minúsculas; soletrar; pronunciar bem as palavras e sílabas difíceis; conhecer a denominação francesa correta das coisas e adquirir as primeiras noções de moral e religião.

As primeiras instituições de educação infantil foram baseadas nas idéias de Frederico Fröebel (1782-1852) e já possuíam caráter de assistência médico-pedagógico. Esse autor (2001) reconhece a infância como fase essencial da vida do homem e da humanidade, período em que a criança, deve ser cuidada como uma semente recém plantada, para que possa se fortalecer, descobrir o seu eu, as suas potencialidades, sua essência, por isso chamou as instituições que criou de Kindergartens (*jardim da infância*, em alemão).

Froebel restabeleceu o paralelo entre a planta e o ser humano (planta humana), que guarda dentro de si a semente do que poderá vir a ser, necessitando que o meio lhe propicie condições de aflorar, de realizar o que está expresso pela sua natureza, exteriorizar suas potencialidades. Assim nasceu o "Kindergarten",

considerado por Froebel como a república da infância, e a preocupação maior com a educação infantil, com a educação como realização do ser individual, no respeito de si mesmo que se reflete no aperfeiçoamento da humanidade.

A educação deve ser esse meio propiciador de condições que possibilitem o poder de manifestação e expressão externa do eu infantil, das necessidades e dos interesses existentes no interior de cada indivíduo.

Para Froebel a educação é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve a sua condição humana autoconsciente, com todos os seus poderes, suas capacidades, funcionando completa e harmoniosamente em relação à natureza e à sociedade em que vive. É o ajustamento progressivo e contínuo do indivíduo em uma vida mais ampla que é sua e na qual deve encontrar-se, descobrir o seu próprio eu, a sua individualidade.

Na mesma época, empresários também se interessaram pela criação de Kindertgarens; estes não eram públicos e cobravam uma elevada taxa de manutenção. Tais empresários modificaram a concepção referente a essas instituições e criaram jardins da infância com ideais puramente assistenciais, baseados nos ideais da igreja, fato esse que também acabou influenciando outras instituições de educação infantil.

O final do século XIX, marcado pela crescente industrialização e urbanização, viveu uma crescente expansão das relações internacionais o que levou as instituições de educação infantil a vários países. E, nos congressos de higiene, de direito, de assistência, de educação, da igreja católica e nas exposições internacionais pedagógicas, reuniões em que se definiam políticas e se homogeneizavam conceitos, as propostas para a infância constituíam um tema

obrigatório. A creche e o jardim da infância eram alguns dos exemplos a se multiplicar.

A partir daí a crescente preocupação e dedicação à educação froebeliana, deu espaço à criação de diversas instituições e ao surgimento de diversos estudos e publicações sobre este tema.

1.2 A construção da educação infantil no Brasil

Faremos agora uma retrospectiva histórica a respeito da construção da educação infantil no Brasil. Para tanto utilizaremos as pesquisas realizadas por Priore (1998), pois acreditamos que as mesmas sejam pertinentes ao trabalho por nós proposto. Assim, segundo a autora a construção da educação infantil no Brasil foi paulatinamente se constituindo, procurando atingir o modelo europeu. Esta coloca que, do período do descobrimento do Brasil até o ano de 1874, pouco se fazia no Brasil pela infância, tanto no ponto de vista da proteção jurídica quanto das alternativas de atendimento. Tal fato ocorreu devido ao regime escravocrata do país, que demorou muito para ser abolido; assim sendo, não havia interesse pela educação dos filhos dos escravos, que não possuíam nenhum direito civil.

Assim, no que se refere ao atendimento da infância brasileira, até 1874 existia institucionalmente a “Casa dos Expostos” ou *Roda* para os abandonados das primeiras idades e a Escola de Aprendizes Marinheiros (fundada pelo Estado em 1873) para abandonados maiores de 12 anos.

O código civil daquela época relacionava a idéia de menor desvalido com a de menor delinqüente ou criminoso. Além disso, apresentava a repressão como medida necessária para solucionar o problema daquele menor.

Por outro lado, quanto às formas de atuação que mais tarde seriam denominadas de preventivas, tais como a puericultura, a higiene e a proteção, o Código Civil guardava o mais absoluto silêncio.

Judicialmente, existia apenas o Código de Leis e Regulamentos Orphanológicos que tratava de questões referentes a bens: criação de órfãos, sistemas de doações, sucessão e tutoria, herança de patrimônio, etc.

As primeiras iniciativas voltadas à criança partiram de higienistas e se dirigiram contra a alarmante mortalidade infantil que era atribuída, por eles, a duas causas: uma delas dizia a respeito aos nascimentos ilegítimos, fruto da união entre escravos ou destes com senhores; a segunda, se referia à falta de educação física moral e intelectual das mães ou, mais concretamente, sua negligência na medida em que permitiam o aleitamento mercenário (escravas de aluguel).

A ligação entre as duas causas se estabelece porque ambas culpam a família, além de colocarem nos negros escravos, a origem de doenças.

Os poucos projetos desenvolvidos nesse período tinham, portanto um caráter preconceituoso e valorizavam diferentemente as crianças negras (filhas de escravos) e as da elite (filhas de senhores); nesse sentido, a conduta de uma *"família abstrata"*, (crianças brancas, aleitadas por escravas), era considerada normal, uma vez que as esposas dos senhores de terra não tinham o costume de amamentar e, por isso, buscavam as escravas que tinham tido filhos há pouco tempo para amamentarem seus filhos - as chamadas amas de leite - cujo ato os higienistas consideravam aleitamento mercenário. Em contrapartida, os filhos destas escravas perdiam sua fonte natural de nutrição e com isso as doenças se proliferavam.

As idéias dos médicos e higienistas assumiam formas diversas. Em discurso proferido no final de 1873, por exemplo, o Barão de Lavradio denunciava o aleitamento mercenário como uma das principais causas de mortalidade infantil e, além disso, anunciava a necessidade de providências por parte das autoridades à proteção às crianças.

Mas, se existiam algumas alternativas provenientes de grupos privados (conjuntos de médicos, associações de damas beneficentes, etc), faltava, de maneira geral, interesse da administração pública pelas condições da criança brasileira, principalmente a pobre. A idéia de proteger a infância começava a despertar, mas o atendimento se restringia às iniciativas isoladas e que tinham, portanto, um caráter localizado.

Se até os primeiros anos da República foi praticamente nulo o movimento em função da puericultura e da escolarização, no princípio do século XX a situação começou a se alterar.

O início do século XX caracterizou a intenção existente em determinados grupos de diminuir a apatia que dominava as esferas governamentais quanto ao problema da criança. Dentre esses grupos, encontrava-se Carlos Arthur Moncorvo Filho, o fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Criado em 1899, o Instituto tinha como objetivos: atender aos menores de oito anos; elaborar leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos; regulamentar o serviço das amas de leite; velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender às crianças pobres, doentes, defeituosas, mal-tratadas e moralmente abandonadas; criar maternidade, creches e jardins de infância.

A fundação do Instituto foi contemporânea a certa movimentação em torno da criação de creches, jardins de infância, maternidade e da realização de encontros e publicações. Em 1908, foi inaugurada a primeira creche popular cientificamente dirigida a filhos de operários até dois anos da Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado, Rio de Janeiro. Em 1909, foi inaugurado o Jardim de Infância Campos Salles, no Rio de Janeiro.

Enquanto havia creches na Europa desde o século XVIII e os jardins de infância apareceram a partir do século XIX, no Brasil ambos surgem no século XX. Todas se desenvolveram depois da abolição da escravatura, quando se necessitou encontrar um lugar para os filhos das ex-escravas ficarem enquanto estas trabalhavam para as senhoras de engenho e amamentava seus filhos.

Assim, as finalidades do recém-criado Instituto de Proteção à Infância expressam a sua concepção de infância:

Preservar a infância da destruição a que a condena o desamparo dos cuidados de que ela carece e garantir à sociedade a permanência e a sua sucessão das vidas que hão de ser sustentáculo de sua estabilidade e os elementos do seu progresso e engrandecimento. (Priore, 1998, p. 47)

As atividades daquele Instituto se ampliaram e se diversificaram: da realização de cursos às campanhas de vacinação e combate a epidemias; da promoção de festas consagradas à infância à multiplicação de maternidades, creches e institutos de proteção à infância pelos estados do Brasil; de estudos sobre mortalidade infantil à participação em congressos.

Por iniciativa da equipe fundadora do Instituto foi criado em 1919 o Departamento da Criança no Brasil, cuja responsabilidade caberia ao Estado. Na prática, quem o implementou foi o próprio Instituto.

Criado e mantido por recursos de Moncorvo Filho, sem receber qualquer auxílio do Estado ou da municipalidade, atribuía-se diferentes tarefas ao

Departamento da Criança no Brasil, reconhecido de Utilidade Pública em 1920: realizar histórico sobre a situação da proteção à infância no Brasil; fomentar iniciativas de amparo à criança e à mulher grávida pobre, publicar boletins, divulgar conhecimentos, promover congressos; concorrer para a aplicação das leis de amparo à criança; uniformizar as estatísticas brasileiras sobre a mortalidade infantil.

As autoridades governamentais que haviam permanecido inertes em termos de realizações objetivas a favor da criança pobre e abandonada começavam a proclamar a necessidade de seu atendimento.

Por ocasião dos preparativos para a comemoração do Centenário da Independência, em 1922, o Departamento da Criança no Brasil organizou o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, congregando homens ligados a iniciativas particulares e à vida pública.

O congresso tinha por objetivo tratar de todos os assuntos que direta ou indiretamente, se refiram à criança, tanto do ponto de vista sociais, médicos, pedagógicos e higiênicos, em geral como particularmente, em suas relações com a família, a sociedade e o estado. Dessa forma, atribuía-se importância ao atendimento da criança, sendo que tal atendimento era apontado como solução para os problemas sociais.

Assim, a medicalização da assistência à criança até seis anos e a psychologização do trabalho educativo, imbuídos de uma concepção abstrata de infância foi a ênfase da etapa pré 1930. Além disso, o surgimento de um Estado que se pretendia forte e autoritário acarretava uma maior preocupação com a massa de crianças brasileiras consideradas não-aproveitadas.

O atendimento sistemático das crianças significava uma possível utilização e cooptação destas em benefício do Estado. Essa valorização da criança seria gradativamente acentuada no período posterior a 1930.

A década de 30 é considerada aqui como limites pelas modificações políticas econômicas e sociais ocorridas no cenário nacional - em estreita relação com o cenário internacional - e que se refletiram na configuração das instituições voltadas às questões de educação e saúde, como também na sua política.

Foram determinantes as mudanças políticas e econômicas, tais como:

- o modelo econômico adotado - substituição de importações em lugar da monocultura latifundiária. A opção por esse modelo decorreu da crise cafeeira provocada pela crise mundial de 1929;
- a diversificação da produção com o conseqüente fortalecimento de novos grupos econômicos (nova burguesia urbano-industrial). De uma estrutura de poder baseada no coronelismo passava-se, assim, para a política dos Estados (em particular, de Minas Gerais e São Paulo, conhecida como política do café com leite), provocando com essa situação a reorganização dos aparelhos do Estado;
- a mudança na estrutura da sociedade brasileira com o crescimento do setor industrial, a ampliação da classe média, o fenômeno da urbanização, enfim, o advento de um proletariado industrial proveniente da zona rural, que vinha se empregar nas atividades emergentes.

Iniciadas na década de 20, tais modificações culminariam na Revolução de 1930, com traços centralizadores e, em seguida ditatoriais (Estado Novo).

A causa da criança despertava o interesse de autoridades oficiais e consolidava iniciativas particulares. Num contexto de reforço ao patriotismo e por

questões de conciliações políticas foram tomadas medidas burocráticas que influenciaram a conjuntura administrativa e os programas de atendimento à infância.

No decorrer desses anos (1930 a 1980), os discursos oficiais relacionaram permanentemente a assistência médica-pedagógica à criança com o desenvolvimento da nação.

Mas será apenas nos anos 80 que se iniciará a construção de uma política nacional de Educação Infantil, que passará, a partir da Constituição de 1988, a ser um direito da criança de 0 a 6 e da família e um dever do estado, bem como o atendimento em creches e pré-escolas, caracterizando a creche como um equipamento educacional.

Esta abertura da constituição culminará nas deliberações posteriores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, que consolidarão o atendimento a criança de 0 a 6 anos em instituições públicas como direito; estabelecerá os padrões mínimos de atendimento; a questão da formação docente e, por último, mas não de somenos importância, estabelecerá que a Educação Infantil seja a primeira etapa da Educação Básica, primando pela função de educar e cuidar indissociavelmente durante este processo.

Faria (2003), coloca que para que isso ocorra, a criança deve ter oportunidade de poder estar em contato com os mais diferentes espaços, aprendendo suas funções e dimensões culturais e sociais, bem como conviver com diferentes agentes sociais como: seus pares, adultos, artistas, bibliotecários etc.

Para que se consolide este novo paradigma da educação infantil, a criança necessita ser vista por inteiro, como membro de uma classe social situada histórica, social e culturalmente, sem ser dividida em inúmeras habilidades e comportamentos,

mas resgatando seu lugar social como alguém que participa da história, da sociedade e da cultura de seu tempo, modificando-os e sendo modificada por eles.

Esta nova concepção da educação da criança de 0 a 6 anos, que busca transformar toda a visão que se tinha desta parte da educação básica, requer profissionais específicos, com formação (seja em serviço, seja em nível acadêmico) para lidar com estas inovações, transformando assim o espaço educacional, de forma que ele contemple o convívio das mais diferentes pessoas: crianças, adultos, pais, professores, gestores, demais profissionais, comunidade etc; que possibilite o brincar, o afastamento das crianças, se ela assim o quiser, de se juntar ao grupo etc, criando e recriando cultura infantil.

Portanto, este espaço deve ser flexível e versátil, diferente dos espaços em que a criança convive normalmente, possibilitando novidades a serem criadas, seja pelas crianças, seja pelos adultos e que esteja em permanente construção, como a própria infância. Dessa forma, o referido espaço das instituições, seja ele externo ou interno, deve ser concebido de forma a possibilitar que a criança expresse todas as linguagens que lhe são peculiares. Assim ele deve atender as seguintes demandas: propiciar o fortalecimento da independência das crianças; ser protetor sem exageros, isto é, capaz de minimizar acidentes, sem limitar a criança; criar o pertencimento à natureza, através do trabalho com os quatro elementos; permitir a realização de atividades individuais e coletivas com e sem adultos supervisionando; criativo de forma que propicie a emergência de todas as dimensões humanas, diferente do que ela terá em casa ou na escola, mas que possibilite o direito ao não trabalho, à brincadeira e à infância.

A pedagogia da infância não tem a pretensão de resolver todos os problemas como se fosse uma panacéia, mas contribui para atenuar algumas deficiências sociais, propiciando melhores condições de vida para as crianças.

CAPÍTULO II

MEMÓRIAS: TECENDO RELAÇÕES SOBRE O LEMBRAR

Segundo Kussel (s/d)¹ o paradigma sobre memória e suas funções tem sido estudado por filósofos e cientistas por séculos, sendo modificado e se adequando às utilizações sociais nas diferentes sociedades humanas. Em cada época, buscou-se utilizar metáforas compreensíveis para explicar os conhecimentos que constituem o momento histórico em que a memória se insere.

Os gregos antigos a tinham como sobrenatural, dom que precisava ser exercitado interiormente. No entanto, a memória e a imaginação têm a mesma origem: lembrar e inventar, têm ligações profundas. Estas só podem ser valorizadas no interior de cada sujeito, pois quando se utilizava símbolos para registrá-la, era visto como enfraquecimento da memória, uma vez que transferia-a para fora do corpo. Para que a memória não se enfraquecesse, os gregos desenvolveram muitas técnicas, sem utilizar os recursos escritos. Para tanto, davam aos sujeitos que lembravam, entre estes, os poetas, um papel social fundamental, por ser uma memória viva do seu grupo.

Já em Roma, para que a retórica pudesse ser realizada a contento, a memória era parte indispensável, pois o orador deveria conhecer as regras e os manejos da mesma, isto é, sem utilizar recursos escritos. Cícero comparava a memória às marcas deixadas na cera pelos homens, sendo que hoje a comparamos com o computador.

Na era medieval, a memória passa a ser a litúrgica, dos santos, pois o cristianismo e o judaísmo utilizam as lembranças dos acontecimentos e milagres do

¹ Artigo retirado de www.museudapessoa.net. Acessado em 03/12/2008.

passado para focarem o presente. O tempo também é marcado por comemorações litúrgicas em datas precisas.

Kussel (idem) lembra ainda que, com o advento da imprensa, a urbanização e as mudanças nas relações sociais ocorre mudanças significativas na memória individual e coletiva, que passa de uma transmissão oral dos saberes necessários ao trabalho e a vida em grupo, por novas ocupações relacionadas ao comércio e à vida nas cidades, que necessitam de novas formas de registros.

Desenvolver-se-ão, a partir daí, artifícios cada vez mais sofisticados para guardar e disseminar a memória em textos e imagens. Este processo culmina com o computador, capaz de guardar grandes quantidades de informações e abarcar todos os meios inventados anteriormente para registrar e armazenar a memória. (Kussel, s/d, p. 2)

Atualmente, o conceito e funcionamento da memória passou a ser estudado pelas ciências físicas e biológicas, além das ciências sociais e a psicologia, que buscam estudá-la a partir do campo individual e coletivo; ao meio social em que se articula os relatos individuais à memória pessoal. Tais estudos evocam os conceitos de retenção, esquecimento e seleção, estabelecendo que a memória é *sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado*.

Halbwachs (apud Kussel, s/d), desenvolveu estudos que contribuíram para a compreensão da memória do ponto de vista social

Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca, se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina 'comunidade afetiva'. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o *outro* tem um papel fundamental. (Kussel, s/d, p. 4)

Dessa forma, a memória coletiva tem a função de contribuir para o sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum, que compartilha lembranças, recordações, garantindo o sentimento de identidade do indivíduo alicerçado em uma memória grupal, compartilhada tanto no campo histórico real quanto no simbólico.

A memória se modifica e se rearticula conforme posição que ocupo e as relações que estabeleço nos diferentes grupos de que participo. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, entre outros. As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi a linguagem é o instrumento socializador da memória pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho as lembranças e as experiências recentes. É interessante ainda apontar que a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. (Idem, p. 3)

Os mecanismos de controle da memória de um grupo sobre o outro estão nas decisões do que deve ou não ser lembrado. E na escola isso se torna perene pela sua ideologia que, por seguir a padrões pré-estabelecidos determina o que a criança deve aprender, quais patamares alcançar e quais valores atender.

Outro elemento importante relacionado à memória é a sua relação com os locais que, tanto nas memórias coletivas, quanto nas individuais, remetem à construção do lembrar aos ambientes em que viveram. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares por onde passaram constituem importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

Por fim, a autora coloca a importância da memória histórica na formação da memória individual dos sujeitos e da coletiva dos grupos.

Memória individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e também pelo status de se constituírem como memória histórica. (Kussel, s/d, p. 6)

Agora, que já passamos a entender os meandros mais significativos que formam a memória e suas características, abordaremos no próximo capítulo a formação da memória segundo a psicologia e como esta se relaciona com a aprendizagem.

2.1 A memória na perspectiva histórico-cultural: alguns aspectos

Um dos pilares do pensamento de Vygotsky (1989) é a idéia de que as funções mentais superiores são construídas ao longo da história social do homem. Na sua relação com o meio físico e social que é mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no interior da vida social, o ser humano cria e transforma seus modos de ação no mundo. É justamente essa visão sobre o funcionamento psicológico que está na base das concepções de Vygotsky. Se a história social objetiva tem um papel crucial no desenvolvimento psicológico, este não pode ser buscado em propriedades naturais do sistema nervoso.

A espécie humana é uma espécie animal cujos indivíduos nascem muito pouco preparados para a sobrevivência imediata: o recém-nascido e o bebê humano, até uns dois anos de vida, dependem totalmente dos cuidados de adulto para sua sobrevivência. Em termos do desenvolvimento psicológico isso significa

que o organismo nasce muito “pouco pronto”, isto é, com muitas características em aberto, a serem desenvolvidas no contato, com o mundo externo e, particularmente, com os outros membros da espécie.

Essa imaturidade dos organismos no momento do nascimento e a imensa plasticidade do sistema nervoso central do homem estão fortemente relacionadas com a importância da história da espécie no desenvolvimento psicológico: o cérebro pode se adaptar a diferentes necessidades servindo a diversas funções estabelecidas na história do homem.

Assim, Vygotsky (1989), considerou e propôs a construção de uma nova psicologia, fundamentada no materialismo histórico e dialético. Aprofundou seus estudos sobre o funcionamento dos aspectos cognitivos, mais precisamente as funções mentais e a consciência. Vygotsky usa o termo função mental para referir-se a processos como: pensamento, memória, percepção e atenção. A organização dinâmica da consciência aplica-se ao afeto e ao intelecto.

O processo de interiorização das funções psicológicas superiores é histórico, e as estruturas de percepção, a atenção voluntária, a memória, as emoções, o pensamento, a linguagem, a resolução de problemas e o comportamento assumem diferentes formas, de acordo com o contexto histórico-cultural.

Geneticamente, em termos de filogênese, a característica básica é o fato de que elas (funções psicológicas superiores) foram formadas não como um produto da evolução biológica, mas do desenvolvimento histórico do comportamento; preservam uma específica história social. Ontogeneticamente, do ponto de vista estrutural, sua característica é que, em contraste com as estruturas imediatas dos processos psicológicos elementares, que reagem diretamente aos estímulos, são construídos baseados na utilização dos estímulos mediados (signos), e por causa disso, têm caráter mediado. Finalmente, com respeito à função, elas são caracterizadas pelo fato de que desempenham um papel novo e essencialmente diferente em comparação às funções elementares, e surgem como produto do desenvolvimento histórico do comportamento. (Vygotsky, 1989, p. 37).

A percepção, para esse teórico, refere-se ao fato de que esta se desenvolve cada vez mais ao longo do desenvolvimento humano, tornando-se um processo cada vez mais complexo distante assim das determinações fisiológicas dos órgãos sensoriais, embora, obviamente continue a basear-se nas possibilidades destes órgãos físicos.

A mediação simbólica e a origem sócio-cultural dos processos psicológicos superiores são pressupostos fundamentais para explicar o funcionamento da percepção. O bebê humano nasce com suas possibilidades de percepção definidas pelas características do sistema sensorial humano. Ao longo de seu desenvolvimento, através da internalização da linguagem e dos conceitos e significados culturalmente desenvolvidos, a percepção deixa de ser uma relação direta entre o indivíduo e o meio, passando a ser mediada por signos.

Por este motivo eu entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado (...) Essas observações sugerem que toda percepção humana consiste em percepções categorizadas ao invés de isoladas. (Vygotsky, 1989, p. 37)

O funcionamento da atenção se dá de forma semelhante ao da percepção. Inicialmente baseado em mecanismos neurológicos inatos, a atenção vai gradualmente sendo submetida a processos de controle voluntário, em grande parte fundamentados na mediação semiótica. Os organismos estão submetidos à imensa quantidade de informações do ambiente. Em todas as atividades do organismo no meio, entretanto, ocorre um processo de seleção de informações com as quais vai interagir: se não houvesse essa seletividade a quantidade de informação seria tão grande e desordenada que seria impossível uma ação organizadora do organismo no mundo. Ao longo do desenvolvimento, o indivíduo, em interação mediada com o ambiente e o outro, se torna capaz de dirigir, voluntariamente, sua atenção para elementos do ambiente que ele tenha definido como relevantes.

Os processos de incorporação da cultura e individuação permitem a passagem de formas elementares de ação a formas complexas, mediadas. As funções psicológicas superiores (percepção, memorização, atenção, pensamento e imaginação) são marcadas pelo uso de recursos mediacionais internalizados. O alcance de formas superiores ocorre de modo descontínuo; os avanços são resultados de revoluções, que consistem de momentos de emergência de novas formas de mediação. Tais mudanças podem ser interpretadas como uma crescente descontextualização de recursos mediacionais ou uma crescente independência dos significados em relação ao contexto espaço-temporal em que estes foram construídos. Essa libertação do imediato produz-se por mudanças geradas no plano interativo.

O processo de formação de conceitos remete às relações entre pensamento e linguagem, a internalização mediada pela cultura e o papel da escola na transmissão de conhecimento. As chamadas funções psicológicas superiores como a memória e a linguagem são construídas ao longo da história social do homem e de sua relação com o mundo. São provenientes, portanto, de ações conscientes e intencionais dependentes de processos de aprendizagem.

Deste modo, a memória (capacidade de conservação e reprodução de informações) sofrerá modificações ao longo do desenvolvimento através da influência dos significados e da linguagem. Vygotsky distingue duas formas de memória: a natural não mediada pelos símbolos e a mediada, na qual o papel dos signos é essencial. A primeira caracteriza-se por ser involuntária e ser essencialmente biológica, tendo assim, uma relação direta e imediata com os estímulos externos. As informações armazenadas são muito próximas às detectadas pelos órgãos dos sentidos.

Essa memória (natural ou elementar) resulta da ação direta das impressões externas das pessoas e é tão direta quanto a percepção imediata, com a qual ainda não interrompe a conexão direta. Do ponto de vista estrutural, a mais importante característica desse processo como um todo é o imediatismo, uma característica que relaciona a memória da pessoa com a do animal; sendo correto chamá-la de memória natural. (Vygotsky, 1989, p. 46).

A memória não mediada, assim como a percepção sensorial e a atenção involuntária, é mais elementar, mais claramente presente nas determinações inatas do organismo da espécie humana, surgindo como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre os internos, é um registro não voluntário de experiências, que podem ser acionadas em momentos posteriores ou na ausência de situações vividas anteriormente.

Com o auxílio dos instrumentos, o homem pôde dominar voluntariamente a memória: *O desenvolvimento histórico da memória começa a partir do momento em que o homem, pela primeira vez, deixa de utilizar a memória como força natural e passa a dominá-la.* (Vygotsky, p. 51). O homem começa a utilizar o próprio corpo, madeiras, pedras e cordas como meios auxiliares em sua organização da vida cotidiana. Exemplos dessa utilização é o uso de pequenas pedras (cálculos) para contar os animais do rebanho ou o comportamento de contar nos dedos uma soma qualquer.

Assim a memória mediada é de natureza diferente, pois refere-se ao registro de experiências para recuperação e uso posterior, mas inclui a ação voluntária do indivíduo no sentido de apoiar-se em elementos mediadores que o ajudem a lembrar-se de conteúdos específicos. A memória mediada permite ao sujeito controlar seu próprio comportamento, por meio da utilização de signos que provoquem a lembrança do conteúdo a ser recuperado.

Mesmo essas operações relativamente simples, como atar nós e marcar um pedaço de madeira com a finalidade de auxiliares mnemônicos, modificam a estrutura psicológica do processo de memória. Elas

estendem a operação de memória para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais, ou autogerados, que chamamos de signos. Essa incorporação, característica dos seres humanos, tem o significado de uma forma inteiramente nova de comportamento. A diferença essencial entre esse tipo de comportamento e as funções elementares será encontrada nas relações entre os estímulos e as respostas em cada um deles. As funções elementares têm como característica fundamental o fato de serem total e diretamente determinadas pela estimulação ambiental. No caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação e o uso de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento. (Idem, p. 44)

O pensamento para Vygotsky (1989), desenvolve-se no sujeito de forma distinta da linguagem, embora tenham estreita ligação. Comparando o pensamento humano com um estudo realizado com chimpanzés, o teórico chegou a fase pré-verbal do pensamento humano, quando o sujeito é capaz de expressar-se com o meio através da utilização de instrumentos como mediadores. Nesta fase o pensamento está desvinculado da linguagem e vice-versa. Esta situação evoluirá até uma trajetória em que estes se unirão e o pensamento torna-se verbal e a linguagem racional, geralmente quando da necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho.

Segundo Vygotsky, o desenvolvimento mental é marcado pela interiorização das funções psicológicas. Essa interiorização não é simplesmente a transferência de uma atividade externa para um plano interno, mas é o processo no qual esse interno é formado. Ela constitui um processo que não segue um curso único, universal e independente do desenvolvimento cultural. O que nós interiorizamos são os modos históricos e culturalmente organizados de operar com as informações do meio.

Assim é importante o papel dos signos, pois estes auxiliam nas ações concretas e nos processos psicológicos, assim como os instrumentos. A capacidade humana para adquirir a linguagem faz com que, a partir de certo momento de seu

desenvolvimento, as crianças a utilizem no planejamento de uma solução para um problema e/ ou no controle de seu comportamento. Signos e palavras são para as crianças um meio de contato social com outras pessoas. Para Vygotsky, signos são constitutivos das funções psicológicas superiores, sendo capazes de transformar o funcionamento mental. Desta maneira, diferentes formas de mediação permitem ao sujeito realizar operações cada vez mais complexas sobre os objetos.

É necessário lembrar também outra idéia fundamental do autor russo: *“todas as funções no desenvolvimento da criança, aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapsicológico)”* (Vygotsky, 1989, p. 62) Sendo assim, o desenvolvimento caminha do nível social para o individual. Isso ocorre, porque para o desenvolvimento da criança, o que se reveste de primordial importância são as interações assimétricas com os adultos portadores de todas as mensagens da cultura. Nesta interação o papel dos signos é essencial, pois tem, primeiro, uma função de comunicação e depois uma função individual, isto é, começam a ser utilizados como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual.

De acordo com Vygotsky (idem), ocorrem duas mudanças qualitativas no uso dos signos: o processo de internalização e a utilização de sistemas simbólicos. A internalização é um processo complexo, mas no que diz respeito à linguagem, inicia-se na imitação da fala de pessoas próximas, geralmente, adultos; dessa forma, a criança apropria-se, pouco a pouco, da fala do outro, tornando-a sua. Os sistemas simbólicos organizam os signos em estruturas, estas são complexas e articuladas. Essas duas mudanças são essenciais e evidenciam o quanto são importantes às relações sociais entre os sujeitos na construção de processos psicológicos e no

desenvolvimento dos processos mentais superiores. Os signos internalizados são compartilhados pelo grupo social, permitindo o aprimoramento da interação social e a comunicação entre os sujeitos.

Como visto, exige-se a utilização de instrumentos para transformar a natureza e, da mesma forma, exige-se o planejamento, a ação coletiva, a comunicação social. Pensamento e linguagem associam-se devido à necessidade de intercâmbio durante a realização do trabalho. Porém, antes dessa associação, a criança tem a capacidade de resolver problemas práticos (inteligência prática), de fazer uso de determinados instrumentos para alcançar determinados objetivos. Segundo Vygotsky, esse período pode ser considerado como uma fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem.

Por volta dos dois anos de idade, a fala da criança torna-se intelectual, generalizante, com função simbólica, e o pensamento torna-se verbal, sempre mediado por significados fornecidos pela linguagem. Esse impulso é dado pela inserção da criança no meio cultural, ou seja, na interação com adultos mais capazes da cultura que já dispõe da linguagem estruturada. Vygotsky destaca a importância da cultura; para ele, o grupo cultural fornece ao indivíduo um ambiente estruturado onde os elementos são carregados de significado cultural.

Os significados das palavras fornecem a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo; é no significado da palavra que a fala e o pensamento se unem em pensamento verbal. Para ele, o pensamento e a linguagem iniciam-se pela fala social, passando pela fala egocêntrica, tornando-se uma fala interior que é o pensamento reflexivo.

A relação entre pensamento e palavra é um processo que se constitui em um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa. Tal processo passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. Vygotsky diz que o pensamento nasce através das palavras. É apenas pela relação da criança com a fala do outro em situações de interlocução, que a criança se apropria das palavras, que, no início, são sempre palavras do outro. Por isso, é fundamental que as práticas pedagógicas trabalhem no sentido de esclarecer a importância da fala no processo de interação com o outro.

Dessa forma, o desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constrói de fora para dentro. Para Vygotsky, a atividade do sujeito refere-se ao domínio dos instrumentos de mediação, inclusive sua transformação por uma atividade mental.

É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. Trata-se de um processo que caminha do plano social - relações interpessoais - para o plano individual interno - relações intrapessoais.

Assim, do ponto de vista do teórico, para que o indivíduo se desenvolva em sua plenitude, ele depende da aprendizagem que somente poderá ocorrer se estiver incorporado dentro de um grupo cultural em interações com seus membros.

É somente pela aprendizagem em suas formas especificamente humanas, isto é, quando há a transmissão de indivíduo para indivíduo das ações práticas e teóricas elaboradas socialmente, que este processo, impressionante em sua complexidade e cheio de contradições dialéticas, é completado. (...) a assimilação que ocorre durante o processo de aprendizagem também resulta em adaptação à atividade que não é somente resposta às características específicas da existência humana, mas

uma atividade que responde à existência de ambos no mundo material e no mundo das relações humanas e também no mundo da idéias, conceitos e conhecimento em que a experiência da atividade social geral é refletida. Aprendizagem, então, é uma forma de manifestação da vida do homem: respondendo às suas necessidades e motivos vitais; ela é intencionalmente motivada e é por si mesma capaz de tornar-se um fim. Ela é, portanto, sujeito de leis internas, as leis que dirigem o desenvolvimento da vida do indivíduo. (Leontiev, 1988, p 243-244).

Nessa perspectiva, a aprendizagem é encarada como um processo que antecede o desenvolvimento, ampliando-o e possibilitando a sua ocorrência. Ou seja, os processos de desenvolvimento são decorrentes da aprendizagem e, claro, também se influenciam mutuamente, gerando condições de que quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento e vice-versa.

Nos estudos de Vygotsky, as relações entre desenvolvimento e aprendizagem ocupam lugar de destaque, principalmente, na educação. Ele pondera que, embora a criança inicie sua aprendizagem muito antes de freqüentar o ensino formal, a aprendizagem escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento.

Dessa forma, ao analisarmos a forma como se dá o desenvolvimento de nossas crianças, constatamos a importância da teoria de Vygotsky. Para este o desenvolvimento humano é uma síntese do homem como ser biológico, histórico e social, visto que este encontra-se inserido na sociedade e, deste modo, só pode desenvolver-se em interação com o outro, ou melhor, na mediação com o outro. Assim quando observamos o quanto as crianças se desenvolvem nesta troca com os coetâneos, professores etc, através da imitação, da troca de hipóteses e novas reformulações das mesmas para a resolução de problemas que surgem em seu cotidiano, elemento primordial a ser trabalhado na educação infantil, é que entendemos o quão importante é estudarmos a teoria. Através de uma reflexão sobre pontos de sua teoria, podemos nos inspirar para bem conduzir o trabalho pedagógico em nossas instituições.

CAPÍTULO III

ENTRELAÇANDO MEMÓRIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: O PONTO DE VISTA DOS ADULTOS SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS

“Quando éramos pequenos, nossas brincadeiras desde muito cedo eram brincadeiras de moleques...então a gente era mais livre dentro daquele espaço que a sociedade tinha estabelecido que era o espaço da criança. Ela não podia sair daquilo, mas dentro daquilo, dentro daquele espaço, ela era mais livre do que hoje em dia, com um espaço maior” (Garcia e Ferrari Silva)

3.1. Questões gerais

A modesta investigação realizada teve como objetivo conhecer algo a respeito das reminiscências e recordações de pessoas anônimas que freqüentaram a educação infantil, bem como verificar a maneira pela qual essas lembranças surgem: se são claras ou vagas, em grande ou pequeno número etc; e, sobretudo, se esses adultos consideram esse período como importante e por quais razões

A história é (...) construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria vida e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo (...) Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (Thompson, 1992, p. 44).

Além da possibilidade de dar voz a essas pessoas, valorizando suas experiências, procuramos trazer subsídios que permitam notar que a classe de educação infantil *longe de ser um campo de aplicação simplesmente deve ser concebida como campo de produção de conhecimento sobre a infância.*” (Prado, 1999. p. 111).

Falar de suas lembranças de vida possibilita o trabalho com relatos em que está presente a diversidade, a riqueza, a beleza de momentos que foram vivenciados, sentidos e construídos por cada pessoa em um determinado período de suas vidas. Assim, estimulou-se a memória no sentido de trazer experiências e situações para reflexão também na atualidade, mesmo porque a exceção de dois sujeitos desta pesquisa, os demais trabalham com a infância, seja como professores, seja na igreja ou no hospital (duas entrevistadas são enfermeiras da UTI do CAISM, Campinas).

Acredito que mais uma justificativa com relação aos procedimentos empregados - escolhas dos sujeitos e solicitação de relatos de suas experiências - se deve ao fato de concebermos a infância como um período marcante na formação do indivíduo, de seus valores, suas concepções e sua forma de relacionar-se com o mundo. Neste período, as situações são envoltas em dúvida, medos, descobertas, alegrias, muitos motivos para brincadeiras e também para lágrimas. Considerando a infância esse momento diverso e instigante, compactuo com Makarenko (1981), quando numa de suas conferências para pais a respeito da educação de crianças, diz:

Na tarefa educativa não existe mesquinha. Uma fita que se amarra aos cabelos de uma menina, um chapeuzinho, um brinquedo, são coisas que podem ter uma grande importância em sua vida. Uma organização correta consiste precisamente em não omitir detalhes e circunstâncias. As minúcias atuam com regularidade, diariamente, em todas as horas, e são as componentes da vida.

E porque a vida é feita de um inventário de aparentes miudezas, especialmente para as crianças, que buscam transformar tudo em algo significativo, é que optamos por construir uma história de crianças a partir da memória de quem passou pela infância e sobreviveu. E a história continua...

Lembrando dos detalhes e do que muitas vezes, como adultos, consideramos “mesquinha” de criança, procuramos nas lembranças os indícios, as miudezas e o cotidiano, caracterizando-os de acordo com as reincidências nas histórias de vida.

Essa tarefa possibilitou pensar em como foi a infância vivida por esse grupo de adultos que.

Caracterizando a infância, esta seria uma fase da vida humana marcada não somente como um período com características específicas, mas também por ser um momento de iniciação do indivíduo no seu grupo social. O grupo está organizado a partir da família, do contexto cultural, político, histórico, enfim por seu envolvimento em espaços em que uma quantidade de experiências vai constituindo e o jovem indivíduo.

Entretanto, sabemos que essa referência moderna à infância e a importância dada à criança é recente e nem sempre se constituiu desta maneira. Por diversos períodos temos a exclusão da criança como sujeito importante para a sociedade. E, aqui poderia falar de determinados períodos históricos e suas formas de tratamento destinado à infância.

Essa existência se dá a partir do momento em que adultos começaram a ver a infância como período marcado por características e particularidades próprias, ou seja, a criança passa a ter importância para a sociedade, ser parte da família e ser capaz de provocar sentimentos nos adultos (cf. cap.1).

No entanto, essas referências à afetividade entre adultos e crianças também podem ser determinadas pela organização social, cultural que começa a se configurar a partir do período moderno e acaba por construir uma concepção de criança até a atualidade.

Atualmente, a criança é legalmente considerada um sujeito de direitos e temos uma legislação que garante pelo menos teoricamente essa condição. Mas não queremos aqui entrar nos meandros da legalidade, nem do discurso que está posto sobre a condição da criança hoje; nosso interesse maior diz respeito às histórias

ouvidas de diversas pessoas que foram crianças e que hoje, adultas, provavelmente, tiveram um cotidiano marcado por situações variadas e diferenciadas umas das outras, que muitas vezes os caminhos da teoria não conseguem entender.

Sendo assim, pergunto afinal quem foi a criança que esteve vivendo as histórias deste período? Quais as lembranças mais marcantes? Tenho claro que estou falando de adultos que tiveram a oportunidade de rememorar, “trazer de volta”, lembrar de situações e descrevê-las a partir de uma visão da atualidade.

Para Reis (2003), ao colocar em foco a perspectiva da criança, dando voz aos adultos e jovens para falarem sobre a sua infância, trazemos a possibilidade de sensibilizar a comunidade acadêmica a dar continuidade a investigações cuja finalidade seja a de melhor elaborar conhecimentos teóricos sobre a educação infantil e sua influência na formação dos indivíduos.

Reis (*idem*) argumenta que, ao mesmo tempo em que a creche traz um conjunto de relações afetuosas entre adultos e crianças, ela também traz os conflitos decorrentes de múltiplas relações que ali se estabelecem. Nesse sentido, acredito que os significados atribuídos ao processo formador na educação Infantil, apareceram nos relatos feitos pelos jovens e adultos.

3.2 Trabalho empírico: os sujeitos e procedimentos

A pesquisa realizada, trouxe a possibilidade de reconhecermos a importância de aspectos essenciais ao cotidiano da infância que podem ser relatados por jovens e adultos que viveram esse processo formador.

Dessa forma, nosso objetivo neste trabalho foi a de reavivar a memória dos adultos entrevistados, buscando identificar aspectos de sua formação neste período que influenciaram e influenciam de alguma forma, suas escolhas cotidianas hoje.

Para tanto, entregamos questionários² a 11 pessoas com idade entre 25 e 58 anos. Havíamos pensado em restringir a idade entre 25-40 anos, no entanto a diretora da escola onde trabalho, manifestou o desejo de contar suas experiências com a educação infantil e como acreditamos que seu relato fosse muito pertinente aos objetivos deste trabalho, ampliamos a idade dos entrevistados. Justificamos o reduzido número de entrevistados ao fato de que nos lugares pesquisados, poucas pessoas haviam freqüentado a pré-escola com a idade sugerida para a pesquisa. Acreditamos que isso se deve ao fato de que as pessoas, antigamente, tinham muitos filhos e as vagas nas creches eram escassas. Quando os filhos maiores cresciam, cuidavam dos menores, assim a ida a creche ou pré-escola não era valorizada. Uns cuidavam dos outros e todos cresciam juntos, por assim dizer; principalmente as meninas deixavam de freqüentar as instituições de educação infantil devido a esse motivo, pois a função das mesmas, nas classes menos favorecidas, era ajudar os pais que precisavam trabalhar e esta ajuda consistia no cuidado dos irmãos menores.

² Os questionários e as respostas das pessoas estão em anexo, no final do trabalho.

3.3 Resultados

Tabela I: informações gerais

Nomes	Sexo	Idade	Escolarização	Instituição	Espaço	Quantos anos
A G O	Fem.	25	Ens. Médio	Pública	creche	3
L C S	Fem.	26	Sup. Incomp.	Privada	Escolinha de bairro	4
J C M	Fem.	26	Sup. Incomp.	Pública	Creche	6
E M C	Fem.	36	Ens. Médio	Pública	Creche	2
H T N	Masc.	33	Ens. Médio	Pública	Creche	3
R M L M	Fem.	36	Superior	Pública	Creche	1
S A G	Fem.	40	Pós-graduação	Pública	Escola estadual	1
S R S	Fem.	41	Sup. Incomp.	SESI privada	- Sub-solo da igreja católica	2
V S S	Fem.	43	Primário	Pública	Creche	1
MLCMP	Fem.	41	superior	Pública	creche	1
R M P G	Fem.	58	Superior	Privada	Colégio católico	1

Os resultados da análise das entrevistas serão expostos a seguir, fazendo a ressalva de que como utilizamos a metodologia de questionário aberto, algumas pessoas responderam de forma sucinta, outras de maneira mais elaborada. No entanto, para a comprovação dos objetivos desta pesquisa, pode-se perceber que, neste exercício, a memória foi evocada de forma a atender às solicitações, isto é, levou os entrevistados a trazerem dados a respeito de um período importante de suas vidas, período esse que têm repercussões em suas vivências cotidianas atuais; talvez, de forma espontânea, sem nossa solicitação, não teriam estabelecido certas conexões entre fatos, ou percebido o sentido de suas reminiscências.

Nota-se pelo quadro acima que:

- ✓ Os questionários foram respondidos por apenas um homem e dez mulheres, atribuímos este fator a resistência dos primeiros em responderem ao questionário quando indagados;

- ✓ Idade: responderam três pessoas entre 25 e 30 anos, três pessoas entre 30 e 35 anos, quatro pessoas entre 41 e 43 anos e uma pessoa com 58 anos, este fato por razões que já foram explicitadas acima;
- ✓ Quanto ao grau de escolaridade: três entrevistados têm ensino médio, três estão cursando o ensino superior, três têm superior completo, uma tem pós-graduação e apenas um apresenta o curso primário;
- ✓ Em relação ao espaço físico em que se deram as aulas da pré-escola apenas três entrevistados estudaram em escolas particulares, sendo uma do SESI (Serviço Social da Indústria), uma em escolinhas de bairro e outra em Colégio Confessional, os demais entrevistados estudaram em instituições públicas municipais;
- ✓ Os anos estudados pelos entrevistados nas instituições de Educação Infantil variam entre 1 e 6 anos.

Os entrevistados trazem marcas de suas memórias na forma como disseram relacionarem-se com crianças no seu trabalho diário, na maneira como: três professoras tratam seus alunos na unidade escolar; a escolha de duas enfermeiras pelo trabalho na UTI neonatal; a escolha pelo trabalho com dramatizações e coral no terceiro setor de um dos sujeitos; a forma como uma das entrevistadas se relaciona com seu filho, também em idade pré-escolar e a forma como a diretora realiza seu trabalho; que serão apresentados na tabela abaixo.

Tabela II- Informações específicas

Nomes	Lembranças mais marcantes	Atividades lúdicas (esportes, artesanato, dramatizações etc)	Relação com professores/pares	O que mais o marcou e influenciou no futuro e nas relações familiares
A G O	Aprender a ler para ler gibi	Brincar no parque e pintar	-	Dificuldade de ir para a escola, relacionamento com a babá
L C S	Boas lembranças	Música, lazer, atividades com massinhas, recortes e desenhos	-	Não tem lembranças - significativas
J C M	Formatura, amigos Apresentações de danças e teatros	Brincadeiras que resultaram em idas ao hospital	Saber dividir as coisas, aceitar o diferente, Respeito mútuo, Companheirismo, Amizade, cumprir regras e horários A professora e o porteiro tratavam muito bem as crianças	Idas ao hospital que atribui o gosto pela profissão, Amizades que extrapolaram o tempo e o espaço, relações de gênero e discriminação Conviver em grupo
E M C	Músicas cantadas na fila, chorava toda dia na entrada	A fila, o hino, brincadeiras no parque	-	Amizades que duram até hoje e da professora
H T N	amizades que duram até hoje e da professora	Brincadeiras no parque	-	Amizades com algumas pessoas que remetem aos dias atuais
R M L M	Desfiar panos, trabalho com argila, estórias do Vale da Ribeira dos tataravôs	Brincar no campo, pic-nic, desenhar no sulfite e amarelinha do alfabeto	Companheirismo se doar	Respeito aos limites e ao próximo
S A G	Uniforme diferenciado em cores de acordo com o sexo	Brincadeiras de meninos: bola, parquinho e trepa-trepa	Professora atenciosa, carinhosa espelhando minhas ações hoje.	Brincar que incentivou a escolha da profissão: professora de educação física
S R S	As crianças que não brincavam comigo, por causa da minha cor	Desenhos e pinturas, jogo do pequeno arquiteto	Professora era alta. Bonita, muito gentil e educada, era pintora e deu-lhe um quadro que adorava	Preconceito sofrido por causa da cor que levou a metodologia empregada na profissão: professora
V S S	Inauguração do prédio	Ensaio da banda na escola	Ao encontrar a primeira professora sente saudades da infância e da EMEI A professora era muito carinhosa	Amizades da época que perduram até hoje
MLCMP	Músicas que cantavam, desfiles na rua com trajes típicos e datas comemorativas	Colagens, brincadeiras, poesias e teatros	A professora era muito carinhosa	Amizades Poesias e leituras que utiliza em seu trabalho na igreja com o coral e o teatro
R M P G	A mãe levava ao colégio e ficava o tempo todo escondida para ver se ela estava bem	Não recorda	Relacionamentos traumáticos e repressores com professores	Traumas dos castigos que traz até os dias atuais

Analisando o quadro acima, em que os sujeitos da pesquisa rememoram suas lembranças mais concretas em relação à dinâmica da educação infantil e suas produções nas instituições do ponto de vista psicológico e formador, notamos que:

- ✓ Dos onze entrevistados, dez têm excelentes recordações de suas passagens pela educação infantil, ainda que S. R. S. se recorde da falta de colegas, lembra com saudades da professora. A única exceção é R. M. P. G. que não guarda boas lembranças desta época, devido à forma desumana pela qual foi tratada;
- ✓ Em relação à professora, nos oito relatos em que esta é mencionada, (três não comentaram nada a esse respeito) temos a figura feminina como profissional e sempre atestando que esta era amável, bonita, carinhosa, ou seja, uma imagem positiva, que acabou influenciando a postura profissional de alguns dos sujeitos desta pesquisa, ou seja, as três pessoas que se formaram e atuam como professoras;
- ✓ A relação com os colegas em todos os relatos em que aparecem é provido de um sentimento positivo, de amizade duradoura, a única exceção de S. R. S., que atribui à cor da sua pele o fato de os colegas não brincarem com ela;
- ✓ As atividades lúdicas foram lembradas por dez dos entrevistados, que recordam-se do brincar, das atividades artísticas, de cantar o hino, dramatizar, numa clara alusão à importância do brincar na aprendizagem. Assim, independente da idade, as pessoas relembram sempre das brincadeiras que vivenciaram nas instituições, com mais ou menos ênfase; apenas um entrevistado não apontou o brincar como recordação da pré-escola;
- ✓ Em relação ao que ficou na memória dos entrevistados: dez lembram de diferentes formas de brincar; as músicas e dramatizações aparecem em três questionários; preconceitos de gênero, sexual e de cor aparecem em duas

respostas; o compartilhamento de objetos é reforçado por cinco entrevistados; construção da autonomia, está presente em quatro respostas; amizades que se estendem aos dias atuais é o foco de atenção de quatro entrevistados; respeito mútuo foi a resposta de quatro pessoas; medo de tudo, suscitado pelos castigos ao menor erro e que resultou em traumas atuais e a formatura estão presentes em um questionário.

- ✓ Apenas quatro entrevistados relacionaram o período vivenciado na pré-escola com suas escolhas profissionais atuais: enfermagem, professora e educadora do terceiro setor.
- ✓ Por fim, em relação ao espaço em que as aulas aconteciam, nove eram em escolas construídas para este fim; uma ocorria em uma escola estadual de 1º grau (atual Ensino Fundamental) e outra no porão de uma igreja católica;

Ao final da apresentação das recordações dos entrevistados, trago alguns recortes das repostas, para complementar os dados quantitativos acima apresentados.

O primeiro diz respeito ao número expressivo de entrevistados que colocam que o que ficou deste período foram os amigos de uma vida inteira, amigos estes que fazem, ainda hoje, parte da vida dos mesmos.

*Eu tenho uma amiga amicíssima que é do tempo de creche. Fomos para creche juntas, estudamos até a oitava série juntas e quando íamos nos separar no colegial ela resolveu fazer enfermagem também só para não nos separarmos. Estudamos até o 4º ano de enfermagem juntas, conhecemos um mocinho e nos apaixonamos por ele. Ele quis ficar comigo, mas por ela ser minha amiga e também gostar dele, eu não fiquei. Mas, então, ele quis ficar com ela e ela ficou.
AMO eles. (J. M., 26 anos)*

Escolhemos esta ilustração, pois ela retrata a importância da amizade na vida das pessoas. Ninguém vive sozinho, pois não somos ilhas, precisamos do outro

para interagir, para aprender, para crescer e quando temos uma grande afinidade com as pessoas isso fica muito mais fácil.

Outro dado digno de atenção foi o de J. M. em que relata a atitude preconceituosa e sexista dos professores em relação ao que consideravam certo ou errado em relação ao brincar entre meninos e meninas, chegando ao cúmulo de sugerir a mãe da mesma que a levasse a um psicólogo.

A minha mãe foi chamada na creche, a professora, com a diretora queriam saber se eu brincava, se eu tinha contato com meninas porque achavam muito estranho eu ficar o tempo todo grudada a eles. Elas sugeriram que minha mãe me levasse ao psicólogo porque deveria ser algum distúrbio...

A este respeito Finco (2007), coloca que a escola costuma disciplinar o corpo das crianças, limitando suas brincadeiras, como e com quem brincar, estipulando o que seja brincadeira de menino ou de menina. Mas as crianças, apesar de toda coerção dos adultos em relação às atividades que devem executar na creche, brincam em qualquer circunstância, sempre encontrando novas formas de se divertirem, seja sozinhas ou em grupos, transgredindo muitas vezes o que o adulto impôs.

O terceiro dado diz respeito à segregação e ao preconceito que um entrevistado sentiu da parte de seus colegas, aludindo à sua cor e de como esta experiência foi marcante a ponto de levá-la a trabalhar de forma diferenciada com seus alunos:

Nessa época eu achava que as crianças não gostavam de brincar comigo. Lembro-me claramente de um dia em que minha mãe estava no tanque lavando roupa e eu disse pra ela que eles não queriam brincar comigo porque eu era preta. Hoje, como professora, procuro proporcionar um ambiente que favoreça a cooperação, autonomia e principalmente o diálogo entre todos. (S. R. S., 41 anos)

Para fomentar a discussão a respeito do preconceito étnico presente nesta fala, trago as palavras de Florestan Fernandes (1978):

“(...) O paralelismo entre “cor” e “condição social dependente” só pode ser rompido a partir do momento em que o negro e o mulato alcançarem condições de equiparação econômica, social e política diante do branco (...).” No entanto: A “população de cor” em sua quase totalidade, não possui elementos para livrar-se dessa confusão, vexatória e nociva ao mesmo tempo.” (p. 336-337)

Fernandes afirma que o negro vem sendo excluído desde o início da “civilização” brasileira e esta exclusão vem se repercutindo até os dias atuais. Para os brancos, o negro e sua cor não existem, até o momento em que este entra em disputa com ele, passando a incomodá-lo.

O ilustre sociólogo afirma que o racismo está presente em todo momento da sociedade e que o negro só ascende socialmente se o branco deixa, até porque o negro não se articula, por preferir “insurgir-se” na sociedade sem contrariá-la para não ser taxado de subversivo e perder seus direitos adquiridos. Assim havendo pouca resistência (muitas vezes esta se dá isoladamente ou individualmente), o preconceito ganha força e possibilidades de se legitimar, sem maiores danos para quem o emite.

Cabe a nós, educadores, começarmos a modificar esta situação. O ensino da História da África nas escolas é uma alternativa ainda incipiente, mas um começo que devemos abraçar com seriedade, se queremos uma escola inclusiva.

O brincar, as dramatizações, o parque foram fatos apontados de forma recorrente nas respostas, mostrando que a atividade lúdica, independente da idade tem um valor intrínseco para o ser humano. Kishimoto (1994), afirma que o jogo é elemento constituinte de nossa subjetividade, pois é resultado de nossa inserção no mundo, através das nossas ações sobre um determinado contexto, sobre uma determinada fração do complexo real que vivenciamos, todos e todas em nossa humana existência. Amplificado no cerne do campo do simbólico em nossas vidas, o jogo, a atividade lúdica, é ação/reação/conduto, movimento imbricado de

simbologias, ressonâncias do que carregamos como herança coletiva de nossa ancestralidade humana. Nossa dimensão humana, significado e sentido de nossas interações com o mundo, com a prática de jogos, alimentam nossas possibilidades de estarmos motivados e capazes de ousarmos na perspectiva da criação de outras formas de ver/olhar/agir no “espaço tempo” de nossa existência terrena.

E, por fim relatamos os traumas atuais de uma entrevistada, que resultou dos castigos e punições vivenciadas por esta na educação infantil:

O que eu me lembro deste período era o medo de tudo inclusive de quarto escuro até hoje carrego comigo traumas de altura, elevador, avião, etc. por qualquer motivo éramos ameaçados de ter que ficar horas num quarto escuro. Lembro-me também que um dia me levantei da carteira e a freira professora me amarrou na carteira com barbante; por um motivo qualquer as crianças tomavam régua na cabeça ou ficavam ajoelhados no milho atrás da porta da sala e também usavam a palmatória. Aprendi com todos esses erros que o castigo não leva a nada. (R. M. P. G, 58 anos)

Gostaríamos de colocar que lembrar é importante, não porque é mecânico, mas porque nos remete àquilo que vivemos. A memória se constrói na mediação com o outro, através de signos – no caso analisado, da linguagem - sendo este o motivo pelo qual ela é tão importante, nos traz cheiros, cores e sabores mágicos, que apenas quem viveu é que consegue evocar.

Em relação às memórias da educação infantil como constitutiva do sujeito hoje, pelas respostas dos entrevistados, podemos concluir que a primeira etapa da educação infantil tem uma importância significativa na vida dos adultos; em alguns casos, influencia a escolha da profissão, se faz presente na forma como educa os filhos, lida com o outro, estabelece relações na vida.

Neste contexto, a educação infantil assume um lugar privilegiado na vida dos adultos, pois ao evocar fatos desse período, estes conseguiram trazer à baila sentimentos, lembranças e reminiscências que, em outras situações nunca evocariam; além disso, nem refletiriam, nem analisariam como esta vivência

influenciou a sua formação e estilo de vida, apontando assim que esta assume uma importância primordial na vida das pessoas, seja nos aspectos positivos (em sua maioria) ou nos negativos (que felizmente é minoria).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos aquilo que recordamos. Não podemos fazer aquilo que não sabemos como fazer, nem comunicar nada que desconhecamos, isto é, nada que não esteja na nossa memória... (...) Eu sou quem sou, cada um é quem é, porque todos lembramo-nos de coisas que nos são próprias e exclusivas, e não pertencem a mais ninguém. As nossas memórias fazem com que cada ser humano ou animal seja um ser único, um indivíduo. (Izquierdo, 2000, p. 58)

Esta pesquisa buscou, de forma impar, trazer elementos para se refletir sobre como as pessoas e os contextos da infância influenciam em nossa formação como sujeitos históricos.

Junto aos sujeitos pesquisados, buscamos descobrir de que forma o período – um ou mais anos – de Educação Infantil - ajudaram esses indivíduos a se constituírem como sujeitos de sua história, a descobrirem seus potenciais e a agirem em suas vidas. Analisando, brevemente, os dados, podemos perceber que os entrevistados têm boas e construtivas lembranças do período em que estudaram na educação infantil, com raríssimas exceções.

Quando indagados sobre as influências que ajudaram a moldar seus hábitos de vida atual, apontam os professores como os maiores responsáveis pelo processo, evidenciando assim a importância de nós – educadores - na formação de nossos alunos.

Relendo as respostas apresentadas, percebemos que o papel do educador foi salientado como sendo bastante relevante na formação de jovens crianças, deixando marcas até na pessoa adulta; por isso, devemos cuidar do legado que lhes deixamos, a forma como agimos com essas crianças e as ajudamos a superar conflitos, obstáculos etc.

Outros elementos essenciais da formação de sua personalidade são os amigos, muito presentes nos relatos dos entrevistados. Os amigos, ou seja, as relações tecidas com os pares durante a educação infantil, se perpetuam pela vida afora, servindo, algumas vezes, de âncora para a vida adulta.

Assim, podemos evidenciar que o resgate da memória dos indivíduos é um exercício salutar para fomentar a reflexão sobre como devemos agir no mundo e crescer enquanto seres humanos. Nesse sentido, entendemos ser fundamental o debate acerca da memória, pois o que antes foi vivido se torna real ao se evocar o passado, trazendo cores, sabores, dores, amores esquecidos no tempo; ao relembrar fatos, os afetos ganham novas cores, novas formas, tornam-se vivos de novo, perenes e até surreais.

Assim, a memória se torna quente, como uma briga com a colega porque xingou; fazem chorar, quando relembramos do medo da aranha, da palmatória; fazem rir, mesmo sem motivo dos gêmeos; remetem ao nosso país, olha o hino sendo cantando no pátio da creche; valem ouro, quando lembramos da amiga da creche que hoje se tornou sua comadre, amigas para sempre. Enfim, momentos bons, ruins, inevitáveis, surpreendentes, imprevisíveis, sofríveis, risíveis...

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará.
A vida vem em ondas
Como o mar
Num indo e vindo infinito.
Tudo o que se vê não é
Igual ao que a gente viu a um segundo.
Tudo muda o tempo todo no mundo.
Não adianta fugir
Nem mentir a pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora.
Aqui dentro, sempre
Como uma onda no mar...
(Como uma onda no mar, Lulu Santos & Nelson Motta)

REFERÊNCIAS

- ARIËS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos Editora, 1978.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação infantil. In: _____, PALHARES, Marina Silveira (orgs). **Educação infantil Pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003, p. 67-99.
- FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **O coletivo Infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, Editora, 2007, p. 94-119.
- FERNANDES, Florestan. O problema do Negro na sociedade de classes. In: **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.
- FERNANDES, Heloisa. **Infância e modernidade: doença do olhar**. Revista Plural; Sociologia, São Paulo, USP, n. 3, p.60-81, 1º sem. 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FROEBEL, F. **A educação do homem**. Passo Fundo: UPF, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1991
- IZQUIERDO, Iván. A Mente Humana. Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da PUC-RS. Porto Alegre (RS), Brasil, 2000.
- KISHIMOTO, T. M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.
- KUSSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em www.museudapessoa.net. Acessado em 03/12/2008.
- LURIA, A. O Desenvolvimento da Escrita na Criança. In: VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV. In: **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora USP, 1988.
- MAKARENKO, A. S. **Conferências sobre Educação Infantil**. São Paulo: Moraes, 1981.
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo, Cortez, 2003.

PRADO, Patrícia. As crianças pequenininhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. In: **Pro-posições**, vol.10 nº 1 (28) março, 1999, p. 110-118.

PRIORE, Mary Del (org). **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998.

REIS, M. Ela ficava fazendo cerimônia!!! In: FARIA, A. L. et al. **Por uma cultura da infância**: Metodologia de pesquisa com crianças. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

A N E X O S

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: A G O

Idade: 25 anos

Escolarização: 2ª Grau Completo

Instituição em que fez a pré-escola:

Pública (x) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc. EMEI DIC VI

Ano em que fez: 1987

Quantos anos estudou na educação infantil? 3 anos

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

Aprender a ler para poder ler gibi.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Brincar no parque e pintar.

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que frequentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

A dificuldade para ir pra escola, pois meus pais trabalhavam e o relacionamento com a babá que cuidava de mim

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

2- Nome: L C S

Idade: 26 anos

Escolarização: Superior incompleto...

Instituição em que fez a pré-escola:

Pública () Privada (x)

Local (espaço), igreja, empresas etc.

Escolinha de bairro

Ano em que fez: 1988

Quantos anos estudou na educação infantil? 4 anos

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

Só tenho boas lembranças...

3- Quais as atividades mais marcantes?

Música, lazer, atividades com massinhas, recortes, desenhos...

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que frequentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

Tenho boas lembranças desse período, mas não tenho um fato q marcou muito assim... sim.....

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

2- Nome: J C M

Idade: 26

Escolarização: 3º grau incompleto (cursando)

Instituição em que fez a pré-escola:

Pública (X) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc.

*creche municipal

Ano em que fez: 1988

Quantos anos estudou na educação infantil?

*6 anos

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

* os amigos

* a minha primeira formatura

* as apresentações de danças e teatros em datas comemorativas (acho que a mais bonita foi a apresentação da música do balãozinho: *venha cá meu balãozinho, diga aonde vc vai... vou fugindo vou pra longe, vou fugindo vou pra longe, vou pra casa de meu pai...*)

3- Quais as atividades mais marcantes?

* as brincadeiras em que resultaram idas ao hospital (o dia que cai encima do formigueiro (detalhe: sou alérgica a formigas), que prendi o dedo na porta do banheiro e saiu a minha unha, que rolei do barranco e me esfolei toda, que fiquei presa no arame farpado, que a janela da casa da fazenda caiu encima da minha cabeça, que a aranha caranguejeira subiu em minha perna...) acho que por isso gosto tanto de hospital...

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que frequentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

* saber dividir as coisas, aceitar que as pessoas são diferentes e respeitá-las por essas diferenças, o companheirismo, a amizade, afinal tenho amigos dessa época, a cumprir regras e horários.

*** Ilustrações do meu tempo de infância: (1)**

Um dia minha mãe foi nos buscar (eu e meu irmão) e eu fui embora falando que a tia não tinha dado comida pra mim, a minha mãe disse que eu reclamei o dia todo.

Ela perguntou pro meu irmão, para os meus primos, para os filhos da Marisa (que eram 4) e todos diziam ter comido, menos eu. E, eu continuei reclamando que a tia não tinha dado comida pra mim.

A minha mãe disse que eu tinha dormido e esquecido que tinha comido, mas eu disse que não dormi porque a tia não tinha dado comida...

Cheguei em casa e quis comer o jantar duas vezes porque a tia não tinha dado comida pra mim.

No dia seguinte fui pra creche falando a mesma coisa, chegando lá a minha mãe foi perguntar pra tia o que tinha acontecido. Ela disse que tinha tido festa e que tinha cachorro quente, pipoca, cuscuz, algodão doce, suco e a festa foi durante a manhã toda. Foi por isso que não deram comida. Mas eu queria comida.

Depois disso eu lembro que teve um dia que ia ter passeio de trenzinho pra fazenda e sempre que tinha esses passeios eles distribuía doces, lanches e tava todo mundo indo pro trenzinho e a tia me chamou na cozinha pra me dar comida ate hoje sou assim, posso comer o que for durante todo o dia, mas na hora da comida eu preciso comer comida.

Ilustração 2

Eu tenho uma amiga amicíssima que é do tempo de creche. Fomos para creche juntas, estudamos ate a oitava série juntas e quando íamos nos separar no colegial ela resolveu fazer enfermagem também só para não nos separarmos. Estudamos ate o 4º ano de enfermagem juntas, conhecemos um mocinho e nos

apaixonamos por ele. Ele quis ficar comigo, mas por ela ser minha amiga e também gostar dele, eu não fiquei. Mas, então, ele quis ficar com ela e ela ficou. Eles casaram e eu fui madrinha do casamento. Olha que legal! Ela realmente gostava dele, porque ela não pensou em nada para ficar com ele e se eu gostasse dele de verdade assim como ela gostava acho que também teria ficado. Acho que do meu lado era mais fogo de palha

A história de vida dela é meio complicada, ela apanhava da madrasta e o pai não sabia, ela ia toda roxa pra escola aí um dia eu disse que ela deveria contar para o pai dela e que se ela não contasse eu contaria. Ela contou e a partir disso a vida dela melhorou. O pai dela me ama, me tem como filha.

Ele é pastor e celebrou o casamento deles e durante o casório ele disse muito bem de minha pessoa, me chamou de filha.

Hoje, ela tem uma filha de 7 anos que me adora e um menino que já vai fazer 3 anos. E no dia da apresentação dele na igreja como se fosse o batizado, eu já estava aqui em Campinas, mas mesmo assim eu fui.

E o pai dela mais uma vez no meio do culto me chamou de filha e disse da importância que eu tenho na vida deles, foi muito lindo. Tenho um carinho muito grande por eles e hoje ela e a madrasta se dão muito bem. E tudo começou na creche hein..... AMO eles

Ilustração 3

Tenho bastante lembranças de amigos. Tinha os gêmeos, Andre e Fabrício, eles eram idênticos. As professoras não sabiam distinguir quem era qual, mas eu sabia.

E nos éramos grudados, os três, onde um estava os três estavam juntos, só nos separávamos pra ir ao banheiro. e a gente dava muita risada. Isso é a minha mãe quem conta.

Estudamos até a oitava série juntos e até então pouquíssimas pessoas diferenciavam um do outro

A minha mãe foi chamada na creche, a professora, com a diretora queriam saber se eu brincava, se eu tinha contato com meninas porque achavam muito estranho eu ficar o tempo todo grudadas a eles.

Elas sugeriram que minha mãe me levasse ao psicólogo porque deveria ser algum distúrbio.

Quando minha mãe me perguntou o que acontecia que nos dávamos tanta risada, ela fala que eu simplesmente respondi que eu gostava tanto deles porque eles eram uns palhaços... Falavam tantas coisas que nos não parávamos de rir.

Coisas de crianças né, a malícia estava somente nas cabeças dos adultos e fomos amigos a te o final do ginásio.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: E M C

Idade: 36 anos

Escolarização: 2º grau completo

Instituição em que fez a pré-escola:

Pública (x) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc.

A creche era novinha, tinha sido construída a pouco, era grande com muito verde, parquinhos, salas grandes cheias de brinquedos, adorei aquilo tudo.

Ano em que fez: não lembra

Quantos anos estudou na educação infantil? Dois anos

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

Lembro das músicas, que eram cantadas na fila, inclusive hoje, meu filho de seis anos, estuda na mesma escola e algumas músicas, permanecem. Não esqueço da professora, do senhor que era porteiro da escola, que sempre tratava bem as crianças.

3- Quais as atividades mais marcantes?

A fila, o hino, que sempre era cantado na entrada, das brincadeiras no parque. Lembro, também, que chorava toda vez no início quando entrei na escola. Lembro do caderno verde e branco, do quadriculado.

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que freqüentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

Aprendi a conviver em grupo. Eu acho que o que mais ficou de tudo isso foi saber conviver em grupo.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: H T N

Idade: 33

Escolarização: ENSINO MÉDIO COMPLETO

Instituição em que fez a pré-escola: EMEI REGINA COELI OSTI

Pública (X) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc.

ESCOLA

Ano em que fez: 1979; 1980; 1981

Quantos anos estudou na educação infantil? 3

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

Me lembro apenas de uma professora e alguns amigos que até hoje tenho contato.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Só me lembro das brincadeiras no parque

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que frequentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

O que eu posso considerar marcante daquela época é a amizade que tenho até hoje com alguns alunos daquela época.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: R M L M

Idade: 36

Escolarização: SUPERIOR

Instituição em que fez a pré-escola: EMEI JACUPIRANGA
Pública (X) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc.
ESCOLA

Ano em que fez: 1978

Quantos anos estudou na educação infantil? 1

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

Desfiar pano – trabalhos com argila – estórias do vale do ribeira, onde os personagens: meus tataravós.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Brincar no campo, pic-nic, desenhar na sulfite com espiral, amarelinha do alfabeto.

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que freqüentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

Companheirismo se doar. No social o próximo – respeitar ter limites.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: S A G

Idade: 40

Escolarização: superior – pós graduação

Instituição em que fez a pré-escola: ESCOLA ESTADUAL 1º GRAU GUSTAVO TEIXEIRA

Pública (X) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc.

Escola, a sala tinha mesas com 4 cadeiras porém a educação infantil funcionava junto com o 1º grau

Ano em que fez: 1975

Quantos anos estudou na educação infantil? 1

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

O uniforme xadrez para as meninas saia rosa e blusa igual a saia e para os meninos xadrez azul com shorts. as brincadeiras, pinturas.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Brincadeiras de meninos, principalmente bola, no parquinho o trepa-trepa.

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que frequentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

As brincadeiras e os jogos incentivaram-me a escolher a minha profissão, pois sou professora de educação física. A professora era atenciosa, carinhosa e como professora, hoje procuro em minhas relações com meus alunos tratá-los da mesma maneira que ela me tratava.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: S R S

Idade: 41

Escolarização: superior – incompleto

Instituição em que fez a pré-escola: SESI

Pública () Privada (X)

Local (espaço), igreja, empresas etc.

Sub-solo de uma igreja católica

Ano em que fez: 1975

Quantos anos estudou na educação infantil? 1

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

Da professora é como se estivesse vendo-a hoje, era alta bonita, muito gentil, educada. Lembro-me que era pintora e sempre levava seus quadros para a gente ver, uma vez ganhei um quadrinho pintado por ela, nossa eu achava maravilhoso era uma paisagem com um barquinho ancorado numa praia lembro que eu ficava horas olhando aquela pintura e imaginando se eu estivesse naquele lugar.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Acho engraçado, mas não lembro-me das brincadeiras, apenas dos momentos de desenho e pintura. Mas o que eu mais gostava era do brinquedo *pequeno arquiteto*, aquele que tem uns bloquinhos de madeira com tijolinhos desenhados.

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que freqüentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

Nessa época eu achava que as crianças não gostavam de brincar comigo. Lembro-me claramente de um dia em que minha mãe estava no tanque lavando roupa e eu disse pra ela que eles não queriam brincar comigo porque eu era preta. Hoje como professora procuro proporcionar um ambiente que favoreça a cooperação, autonomia e principalmente o diálogo entre todos.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: V. S. S.

Idade: 43

Escolarização: primário – completo

Instituição em que fez a pré-escola: EMEI AQUILINA PIVA

Pública (X) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc.

Escola

Ano em que fez: 1970 - 1971

Quantos anos estudou na educação infantil? 2

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

A inauguração do prédio da EMEI onde compareceu a tropa de soldados e o prefeito, neste dia apresentou teatro ao pé da bandeira, foi emocionante.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Os ensaios que fazíamos da banda da escola, eu adorava. Lembro perfeitamente do instrumento que eu tocava era um triângulo.

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que freqüentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

Morávamos num bairro pequeno éramos cerca de cinco crianças, felizes e eufóricas com o surgimento da EMEI, estudamos juntos e temos contato até hoje. É muito bom recordar daquela época. Algumas vezes chego a encontrar minha primeira professora e bate uma saudade da EMEI e da minha infância.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: M L C M P

Idade: 44

Escolarização: SUPERIOR

Instituição em que fez a pré-escola:

Pública (X) Privada ()

Local (espaço), igreja, empresas etc.

Escola destinado apenas para a educação infantil, era uma sala ampla com mesas em grupos para 4 crianças em cada mesa.

Ano em que fez: 1970

Quantos anos estudou na educação infantil? 1

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

AS músicas que cantávamos, apresentações em datas comemorativas, desfiles em rua vestidos com roupas características.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Colagem, brincadeiras, poesias e teatros.

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que freqüentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

O que mais marcou foram as amizades, o carinho de minha professora, e das poesias que decorávamos. Adquiri o gosto por poesias e leitura. Adquiri o gosto pelo teatro inclusive participo de dramatizações na igreja em que freqüento e também faço esse trabalho com as crianças da igreja e também do coral.

QUESTIONÁRIO

1- Identificação:

Nome: R M P G

Idade: 58

Escolarização: SUPERIOR

Instituição em que fez a pré-escola:

Pública () Privada (X)

Local (espaço), igreja, empresas etc.

Colégio de católico com espaço para o chamado na época de jardim da infância

Ano em que fez: 1956

Quantos anos estudou na educação infantil? 1

2- Quais as lembranças mais significativas desse período?

Lembro me que minha mãe que me levava para o colégio e ficava todo o tempo escondida pra ver se eu estava bem.

3- Quais as atividades mais marcantes?

Não me recordo

4- O que marcou mais claramente nesse período e vc considera importante para os estudos que freqüentou mais tarde e meio social (família, amigos)?

O que eu me lembro deste período era o medo de tudo inclusive de quarto escuro até hoje carrego comigo traumas de altura, elevador, avião, etc. por qualquer motivo éramos ameaçados de ter que ficar horas num quarto escuro. Lembro-me também que um dia me levantei da carteira e a freira professora me amarrou na carteira com barbante por um motivo qualquer as crianças tomavam régua na cabeça ou

ficavam ajoelhados no chão atrás da porta da sala e também usavam a palmatória. Aprendi com todos esses erros que o castigo não leva a nada.

A entrevistada sentiu-se muito mal e ficou emocionada ao fazer esses relatos, dizendo que não gostaria mais de falar sobre isso. Disse que fez 5 anos de terapia, mas nunca falou sobre isso com o terapeuta, nunca conseguiu resgatar essas memórias.

